



## O PADRÃO $[[X]_N$ DE TAUBATÉ] $_N$ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO SOBRE COMPOSTOS SINTAGMÁTICOS EM PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL<sup>1</sup>

## THE $[[X]_N$ DE TAUBATÉ] $_N$ PATTERN IN BRAZILIAN PORTUGUESE: A STUDY ON SYNTAGMATIC COMPOUNDS IN A CONSTRUCTION PERSPECTIVE

*Natival Almeida Simões Neto*<sup>2</sup>

### RESUMO

Neste estudo, pretende-se analisar os aspectos construcionais e cognitivos envolvidos no padrão esquemático  $[[X]_N$  de Taubaté] $_N$ , com base na Morfologia Construcional, da maneira que vem sendo proposta por Booij (2010, 2017), Gonçalves (2016) e Soledade (2018), e na abordagem construcional da mudança, nos termos de Tragouit; Trousdale (2013). Os exemplos coletados em redes sociais da internet permitem perceber que o padrão  $[[X]_N$  de Taubaté] $_N$  instancia realizações como *hetero de Taubaté*, *crente de Taubaté*, *LGBT de Taubaté* e *facada de Taubaté*, que designam normalmente algo ‘falso, fajuto’ e estão relacionados ao episódio da *falsa grávida de Taubaté*. Esse padrão pode ser comparado a outros similares, vistos na história do português brasileiro, como  $[[X]_N$  do Paraguai] $_N$ , para produtos falsos/piratas, e  $[[X]_N$  de Itu] $_N$ , para coisas grandes, exageradas. A hipótese deste trabalho é de que todos esses esquemas advêm de um padrão mais geral  $[[X]_N$  de  $[Y]_{N,SN}$ ], que, inicialmente, diz respeito a relações de

1 Agradeço aos estudantes Maíza Macedo, Jacqueline Gama, Tainá Antunes, Alan Meira, Márcia Monteiro e Bernard LeQuerre, então graduandos em Letras pela Universidade Federal da Bahia, por terem apresentado, na disciplina *LETA19-Morfologia da Língua Portuguesa*, um seminário sobre composição e terem mencionado os *compostos de Taubaté*. Essa apresentação foi, certamente, decisiva para que eu começasse a estudar os compostos no português.

2 Mestre em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia. Atualmente, cursa doutorado nessa mesma instituição, recebendo bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana. [nativalneto@gmail.com](mailto:nativalneto@gmail.com).



origem, proveniência e/ou localização, e se especializa a partir do momento em que eventos culturais marcantes repercutem socialmente e são abstraídos pelos falantes da língua. Nesse sentido, o artigo envereda por discussões relacionadas sobre composição, cognição, história, experiência e mudança.

**PALAVRAS-CHAVE:** composição; mudança construcional; Linguística Cognitiva; Morfologia Construcional.

## ABSTRACT

In this study, we intend to analyze the constructional and cognitive aspects involved in the schematic pattern  $[[X]_N \text{ de Taubaté}]_N$ , based on Construction Morphology as it has been proposed by Booij (2010, 2017), Gonçalves (2016) and Soledade (2018), and on the constructional approach to change in the terms of Tragoutt; Trousdale (2013). Other examples, collected in social media on the internet, allow us to perceive that the pattern  $[[X]_N \text{ de Taubaté}]_N$  instantiates realizations such as *hetero de Taubaté*, *crente de Taubaté*, *LGBT de Taubaté* e *facada de Taubaté*. These examples usually designate something ‘false, fake’ and are related to the *falsa grávida de Taubaté* event. These constructions can be compared to other similar ones in the history of Brazilian Portuguese, such as  $[[X]_N \text{ do Paraguai}]_N$ , for false/pirated products, and  $[[X]_N \text{ de Itu}]_N$ , for large, exaggerated things. The hypothesis of this work is that all these schemes come from a more general  $[[X]_N \text{ de } [Y]_{N,SN}]_N$  pattern, which initially is associated with relations of origin, provenance and/or location, and specializes from the moment that remarkable cultural events have social repercussions and are incorporated by the speakers of the language. In this sense, this article comprises related discussions about composition, cognition, history, experience, and change.

**KEYWORDS:** composition; constructional change; Cognitive Linguistics; Constructional Morphology.

## Palavras iniciais

O presente trabalho investiga os mecanismos cognitivos e construcionistas envolvidos no padrão construcional  $[[X]_N \text{ de Taubaté}]_N$ , que vem instanciando *hetero de Taubaté*, *presidente de Taubaté*, *conservador de Taubaté* e *hetero de Taubaté*. Esses dados, que designam normalmente algo falso, fajuto, estão relacionados ao episódio da *falsa grávida de Taubaté* e mostram como os falantes apreendem experiências e transpõem para os padrões construcionais, permitindo, inclusive, mudar os significados de alguns esquemas. O artigo, então, discute questões de cognição, história e experiência e também de composição morfológica e mudança linguística.

Dito isso, para além dessas palavras iniciais, o artigo se divide em seis seções. A primeira apresenta o enquadre teórico da Gramática de Construções e da Morfologia Construcional. A segunda trata da composição em língua portuguesa e os de seus principais tipos (morfológico, morfossintático e sintagmático). A terceira aponta os trabalhos sobre compostos morfossintáticos

e sintagmáticos em abordagens cognitivistas e construcionais. A quarta introduz a análise dos aspectos construcionais envolvidos no padrão  $[[X]_N$  de Taubaté] $_N$  e discute a relação desse padrão com outros vistos no português brasileiro, como  $[[X]_N$  de Itu] $_N$  e  $[[X]_N$  do Paraguai] $_N$ . A quinta faz reflexões acerca de analogia e mudança em perspectiva construcional, a partir desses compostos. A sexta seção traz as considerações finais, seguidas das referências.

### **As abordagens construcionais da gramática**

A proposta da Gramática de Construções (GC) ainda é um modelo em processo de difusão no Brasil. Fillmore (1988) foi o responsável por cunhar a nomenclatura ‘gramática de construções’. Contudo, é com o trabalho de Goldberg (1995) que a GC começa a ganhar espaço no âmbito da Linguística Cognitiva (LC) e a se tornar conhecida mundo afora. Mesmo sendo uma proposta que surge no âmbito da LC, essa teoria tem estabelecido conexões com a abordagem funcionalista da linguagem, no que tem se chamado de Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2014; OLIVEIRA, 2017).

Além de Fillmore (1988), na década de 1980, Ronald Langacker (1987) e George Lakoff (1987) também contribuíram diretamente para a formulação do modelo construcional conhecido a partir das considerações de Goldberg (1995, 2006, 2012). Ronald Langacker, George Lakoff e Charles Fillmore são linguistas dissidentes do modelo gerativo da gramática. Entre as insatisfações com a abordagem chomskyana, estavam: (a) a distinção entre léxico e gramática; (b) a incapacidade de considerar a idiomatidade das línguas naturais; (c) a pouca relevância dada à semântica; (d) a soberania da sintaxe em relação a outros níveis.

De maneiras diferentes, Fillmore, Langacker, Lakoff e Goldberg tentam mostrar que todas as construções de uma língua podem e devem ser analisadas, sobretudo aquelas que são marginalizadas. Na visão de Goldberg (1995), uma construção é um pareamento de forma e significado que deve ser tomado como unidade básica da língua. Explica a autora que

[p]adrões sintagmáticos são considerados construções, se alguma coisa sobre a sua forma ou o seu significado não for previsível, a partir das suas partes componentes, ou de outras construções. Isto é, uma construção é estabelecida na gramática, se pode ser mostrado que seu significado e/ou sua forma não é composta ou derivada de outras construções existentes na língua [...]. Além disso, expandindo a noção pré-teórica de construção, os morfemas são instâncias claras de construções, na medida em que são pareamentos de significado e forma que não são previsíveis de qualquer outra coisa (Saussure, 1916). Uma consequência dessa definição é que o léxico não é muito diferenciado da gramática. (GOLDBERG, 1995, p. 4, tradução nossa)<sup>3</sup>.

3 “Phrasal patterns are considered constructions if something about their form or meaning is not

A noção inicial de construção, que foi defendida nos anos 1980, está mais relacionada aos idiomatismos, tidos como anomalias. A Gramática de Construções era, por assim dizer, uma gramática de exceções. A partir de Goldberg (1995), os padrões mais composicionais e semanticamente previsíveis passam a ser também reconhecidos como construções.

Mesmo com os modelos construcionistas defendendo uma não separação entre gramática e léxico, não se pode negar que, na GC, são mais frequentes os estudos voltados para fenômenos sintáticos. A Morfologia Construcional, de Booij (2010), traz, então, um diferencial, ao se comprometer com os padrões construcionais envolvidos em processos lexicogênicos. Esse linguista se vale da noção de construção de Goldberg (1995, 2006)<sup>4</sup>, levando em consideração tanto os aspectos da cognição geral quanto os aspectos de uso. As aplicações feitas no Brasil, como as de Gonçalves e Almeida (2013), Coelho (2013), Gonçalves (2016b), Lopes (2016, 2018), Simões Neto (2017a; 2017b), Tavares da Silva (2017, 2019) e Simões Neto e Soledade (2018), têm ressaltado fundamentalmente os eventos de uso<sup>5</sup>.

A Morfologia Construcional, no esteio da abordagem de Goldberg (1995, 2006), propõe uma organização hierárquica das construções lexicais, havendo padrões dominantes mais gerais e padrões mais especificados que estão subordinados ao padrão mais geral. Uma visão da organização hierárquica do léxico pode ser vista na Imagem 1, extraída da tese de Tavares da Silva (2017).

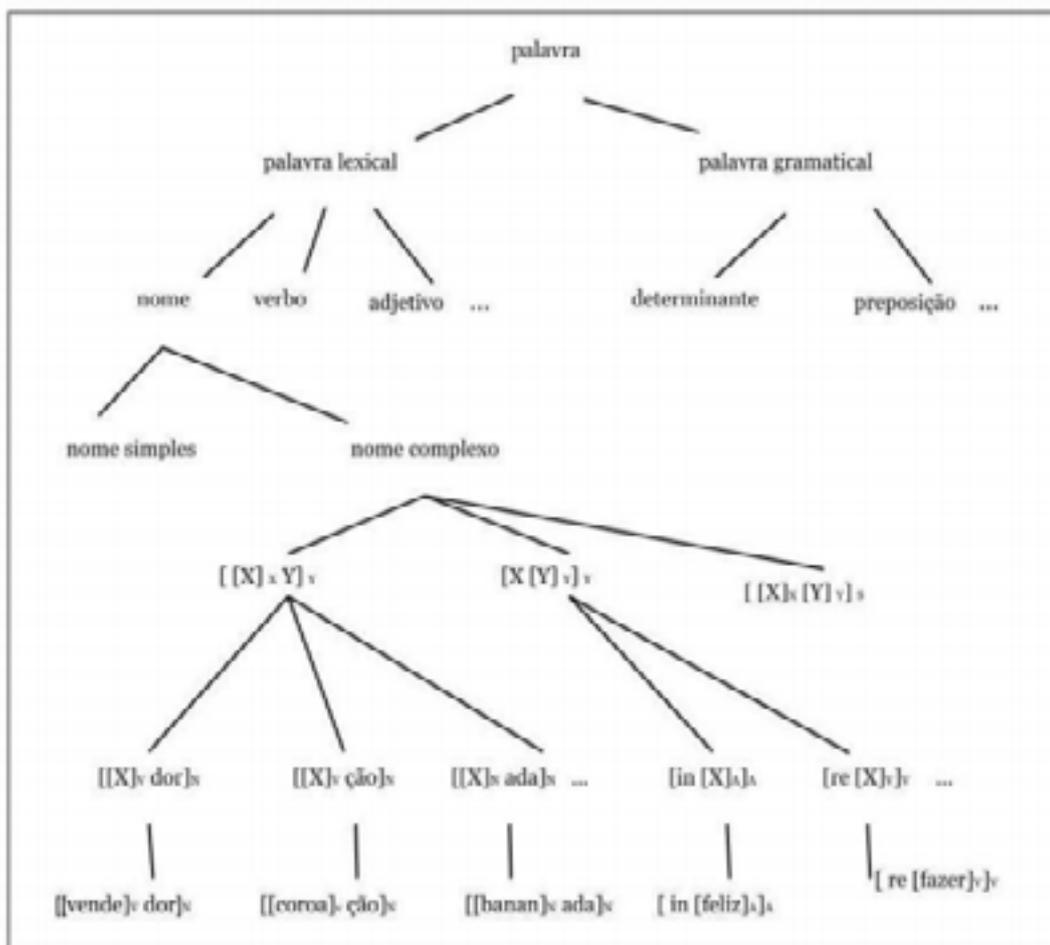
---

strictly predictable from the properties of their component parts or from other constructions. That is, a construction is posited in the grammar if it can be shown that its meaning and/or its form is not compositionally derived from other constructions existing in the language [...]. In addition, expanding the pretheoretical notion of construction somewhat, morphemes are clear instances of constructions in that they are pairings of meaning and form that are not predictable from anything else (Saussure, 1916). It is a consequence of this definition that the lexicon is not neatly differentiated from the rest of grammar.” (GOLDBERG, 1995, p. 4).

4 Booij (2010) se diferencia de Goldberg, no sentido de não considerar o ‘morfema’ como uma construção. Para o autor, essa é uma herança de uma morfologia baseada em morfemas. Para Booij, a menor construção existente na língua é a palavra. O autor acrescenta ainda que os morfemas não têm significado autônomo e não existem como formas livres na língua. A identificação dos morfemas e dos seus significados só acontece quando eles se realizam no interior das palavras.

5 A noção de *uso* tem se mostrado diferente entre os autores brasileiros e estrangeiros. Autores estrangeiros, como Booij (2010) e Goldberg (1995) consideram o uso como a realização linguística e o meio pelo qual os falantes abstraem o padrão construcional. Para os brasileiros, a ideia de uso está mais ligada à frequência, robustez dos dados.

**Imagem 1** - Representação do léxico hierárquico da Morfologia Construcional



Fonte: Tavares da Silva (2017, p. 38).

Na Imagem 1, sob o domínio do nó *nome complexo*, há três padrões esquemáticos totalmente abertos. O primeiro é da sufixação, o segundo, da prefixação, e o terceiro, da composição. O padrão  $[[X]_X [Y]_Y]_N$  não traz exemplificações, mas dá conta de realizações tanto do tipo *sambódromo* e *meritocracia* quanto do tipo *navio-escola*, *corre-corre* e *sanguessuga*.

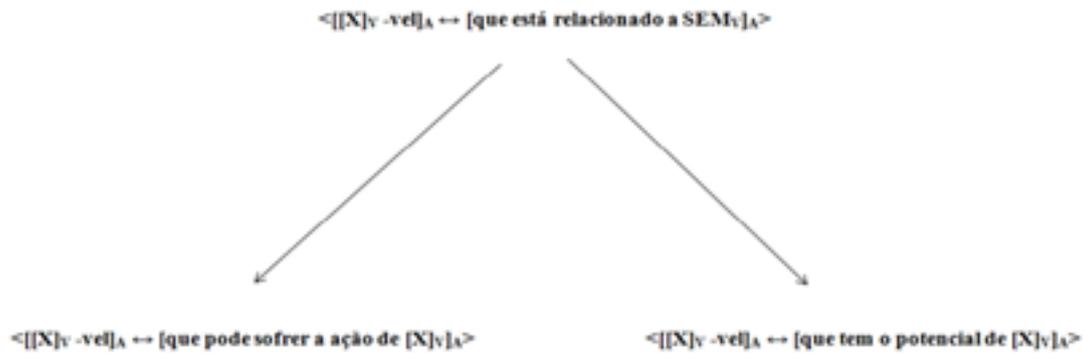
Na Morfologia Construcional, defende-se que um falante é capaz de abstrair esquemas construcionais a partir de eventos de uso. Isso é dizer que o falante do português ouve formas como *tratável*, *considerável*, *falável*, *falível*, *possível*, *substituível* e abstrai um esquema prevendo que: (a) o input (palavra-base), a parte variável do esquema, é um verbo; (b) o output (produto formado) é um adjetivo; (c) há uma parte fixa, no caso o sufixo *-vel*; (d) há um significado de “passível de sofrer” ou “com potencial de executar” a ação expressa pelo verbo da base. Para Booi (2010), o esquema construcional prevê o pareamento entre forma, função e significado. As construções  $[[X]_V -vel]_A$  no português, por exemplo, podem ter as seguintes configurações esquemáticas.

$$\langle [[X]_V -vel]_A \leftrightarrow [\text{que pode sofrer com a ação de } [X]_V]_A \rangle$$

$$\langle [[X]_V -vel]_A \leftrightarrow [\text{que tem o potencial de executar a ação de } [X]_V]_A \rangle$$

Um ponto significativo da proposta é a possibilidade de explorar a questão da polissemia na formação de palavras. Assim, para Booij (2010), os dois significados vistos em  $[[X]_V -vel]_A$  devem estar relacionados, ligados a um significado mais geral, mais esquemático. A representação esquemática que leva em consideração essas questões polissêmicas, permitindo ver o padrão mais geral (mais esquemático) e os mais específicos (subesquemáticos), está na Imagem 2, a seguir.

**Imagem 2** - As construções  $[[X]_V -vel]_A$  no português



Fonte: Elaborada pelo autor.

Em se tratando de Brasil, nota-se um interesse frequente por construções sufixais. Sobre as construções prefixais e de composição (sobretudo as morfossintáticas e as sintagmáticas), ainda têm sido poucas as investigações. Os poucos trabalhos vistos nessa teoria têm destacado que as composições apresentam sistematicidade, esquematicidade e produtividade, da mesma maneira que acontece em outras construções morfológicas. A partir das próximas seções, adentra-se à questão da composição na língua portuguesa em uma perspectiva construcionista.

### Notas sobre a composição em língua portuguesa

Na história dos estudos morfológicos voltados para a formação de palavras, a composição recebeu menor atenção que a derivação. Isso pode ser explicado de variadas maneiras. A primeira é a dificuldade de autores especificarem o conceito e o escopo da composição. Os morfólogos italianos Bisetto; Scalise (1997, *apud* SANTOS, 2009), por exemplo, classificam a composição como a área mais sintática da morfologia, o que demanda uma interação entre os dois níveis. No caso da morfologia portuguesa, essa necessidade de interface acaba se tornando uma barreira, porque muitos fenômenos de composição não podem ser considerados puramente morfológicos.

Uma segunda dificuldade que se percebe nos estudos dos compostos é a de estabelecer regras de formação (ARONOFF, 1976; BASÍLIO, 1980) e/ou esquemas construcionais (BOOIJ, 2010; GONÇALVES, 2016b), nos mesmos moldes com que foram propostos para as palavras derivadas.

Em se tratando de português, alguns autores se lançaram ao desafio de identificar

padrões compositivos, o que representa tentativas de sistematizar um fenômeno visto como pouco sistemático por muitos. Nesse contexto, destaca-se a iniciativa de Ribeiro e Rio-Torto (2016), que mencionam vários tipos de compostos, dentre os quais figuram os morfológicos, os morfossintáticos e os sintagmáticos. Antes de detalhá-los, cabe ressaltar os critérios que as autoras usam para a identificação de palavras compostas. Esses critérios estão expostos no Quadro 1, a seguir:

**Quadro 1** – Critérios para a identificação de palavras compostas

- são constituídas por um conjunto fixo de palavras e/ou de radicais;
- assentam numa forte coesão formal interna (ordem imutável, opacidade interna acentuada, total ou intensa, com grande dificuldade de inserção de novas unidades no seu interior, escassa possibilidade de extensão ou de redução do conjunto);
- exibem forte unicidade semântica, sendo tipicamente portadoras de um sentido unitário/holístico, umas vezes composicional, outras lexicalizado/cristalizado em graus variáveis.

Fonte: Ribeiro e Rio-Torto (2016, p. 462).

Em relação aos compostos morfológicos, as autoras explicam que são aqueles que apresentam, ao menos, um radical preso, quase sempre greco-latino, e fazem uso de uma vogal de ligação. São os casos de *cardiopatía*, *histerectomia*, *fisioterapia*, *sambódromo* e *lusó-brasileiro*.

Entre os estudiosos de morfologia do português, os compostos morfológicos têm recebido bastante atenção, dada a sua interface com a derivação. Gonçalves (2016a; 2016b), por exemplo, apresenta algumas discussões acerca do estatuto morfológico desses elementos compositivos no português, sugerindo que, em alguns casos, os falantes operam ou analisam como esquemas de afixação.

Os compostos morfossintáticos e os sintagmáticos são menos investigados, provavelmente pelo fato de serem analisados dentro de padrões mais abertos, sem uma parte fixa, como normalmente acontece nos estudos de sufixação, prefixação e composição morfológica. Em relação aos compostos morfossintáticos, Ribeiro e Rio-Torto (2016) explicam que esses

resultam da reanálise de uma estrutura sintática numa palavra, envolvem a combinação de duas palavras ([*beija-mão*], [*surdo-mudo*], [*via láctea*]) e caracterizam-se por algum grau de atipicidade relativamente aos padrões sintagmáticos do português ativos nas estruturas sintagmáticas correspondentes (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 484, grifos das autoras).

Os exemplos<sup>6</sup> de Ribeiro e Rio-Torto (2016), para os compostos morfossintáticos, podem ser vistos no Quadro 2, a seguir. No quadro, estão todos os padrões formais identificados pelas

<sup>6</sup> Destaque-se que o texto de Ribeiro e Rio-Torto (2016) integra a *Gramática Derivacional do Português*, de Rio-Torto et al (2016). Essa obra se compromete declaradamente com a variedade europeia do português. No caso dos compostos, os padrões atestados, bem como os exemplos (na maioria dos casos), são existentes também na variedade brasileira.

autoras para os compostos desse tipo.

**Quadro 2** – Padrões de composição morfossintática em português

| Padrões formais                                | Siglas          | Exemplos   |
|--|-----------------|--|
| $[\text{Nome-Nome}]_{\text{NOME}}$             | $[\text{NN}]_N$ | bebê-proveta, cheque-saúde, couve-flor, outono-inverno |
| $[\text{Adjetivo-Adjetivo}]_{\text{ADJETIVO}}$ | $[\text{AA}]_A$ | claro-escuro, morto-vivo, nado-morto, surdo-mudo       |
| $[\text{Verbo-Verbo}]_{\text{NOME}}$           | $[\text{VV}]_N$ | pára-arranca, vaivém                                   |
| $[\text{Verbo-Nome}]_{\text{NOME}}$            | $[\text{VN}]_N$ | beija-mão, finca-pé, limpa-vidros                      |

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir dos exemplos de Ribeiro; Rio-Torto (2016, p. 484-485)

Sobre os padrões de compostos morfossintáticos que reúnem itens de mesma categoria, como os  $[\text{NN}]_N$ ,  $[\text{AA}]_A$  e  $[\text{VV}]_N$ , o entendimento de Ribeiro; Rio-Torto (2016) é de que a atipicidade está no fato de que esses elementos, em uma sentença, precisariam ser conectados por uma conjunção ou uma preposição. No que toca ao padrão  $[\text{VN}]_N$ , as autoras entendem que a atipicidade estaria na ausência do determinante diante do nome.

Essa questão da atipicidade é decisiva para a diferença entre os compostos morfossintáticos e os sintagmáticos. No rol dos compostos sintagmáticos, Ribeiro e Rio-Torto (2016) incluem “[...] aqueles cuja estrutura segue os padrões próprios das estruturas sintáticas do português” (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2018, p. 487). Os padrões formais identificados para os compostos desse tipo estão no Quadro 3.

**Quadro 3** – Padrões de composição sintagmática em português

| Padrões formais                                | Siglas              | Exemplos  |
|--|---------------------|---|
| $[\text{Nome-Preposição-Nome}]_{\text{NOME}}$  | $[\text{NprepN}]_N$ | água-de-colônia, computador de bordo, ferro a vapor, processador de texto |
| $[\text{Nome-Adjetivo}]_{\text{NOME}}$         | $[\text{NA}]_N$     | mesa redonda, sangue frio, turismo rural, via verde                       |
| $[\text{Adjetivo-Nome}]_{\text{NOME}}$         | $[\text{AN}]_A$     | alto-relevo, grande área, puro-sangue                                     |
| $[\text{Nome-Preposição-Verbo}]_{\text{NOME}}$ | $[\text{NprepV}]_N$ | máquina de lavar, ferro de engomar, máquina de barbear, porta de correr   |
| $[\text{Numeral-Nome}]_{\text{NOME}}$          | $[\text{NumN}]_N$   | mil-folhas, primeiro-ministro, segunda via, terceira idade                |

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Ribeiro e Rio-Torto (2016, p. 488).

Os compostos morfossintáticos, em sua maioria, apresentam hifenização ou uma justaposição destes (casos de *vaivém*, *girassol*, *passatempo*), o que facilita a classificação como um composto. Esses recursos (orto)gráficos facilitam também a dicionarização dessas palavras. No caso dos sintagmáticos, nem sempre se veem formas conjuntas e/ou hifenizadas, causando, em muitos momentos, uma incerteza e uma imprecisão na análise.

## Compostos morfossintáticos e sintagmáticos do português em abordagens construcionais

Como dito na seção anterior, os compostos morfológicos têm recebido bastante atenção entre os estudiosos da área, destacando-se os trabalhos feitos e/ou orientados pelo professor Carlos Alexandre Gonçalves, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que tem se comprometido com os pressupostos da Morfologia Construcional<sup>7</sup>.

Em relação aos compostos morfossintáticos e sintagmáticos, percebe-se certa escassez de trabalhos nas pesquisas da área de morfologia, independente de teorias. No âmbito dos estudos cognitivistas e/ou construcionais, essa escassez ainda prevalece, destacando-se, nesse contexto linguístico-teórico, os trabalhos de Faria (2009) e Simões Neto (2018).

Faria (2009), em uma abordagem cognitivista, analisou os compostos encabeçados por *bolsa*, *vale*, *auxílio* e *seguro* no PB. Em seu entendimento, esses compostos surgiram da necessidade expressiva e comunicativa dos falantes de explicitarem um novo tipo de benefício. Essa demanda, no entanto, não é atendida de maneira assistemática, pois nota-se um padrão formal recorrente que se associa a um significado também recorrente. Exemplos de Faria (2009) estão apresentados no Quadro 4.

**Quadro 4** – Semântica dos compostos que designam benefícios

| Relações semânticas | Exemplos            | Paráfrases               |
|---------------------|---------------------|--------------------------|
| Finalidade          | auxílio-maternidade | auxílio para maternidade |
|                     | auxílio-funeral     | auxílio para funeral     |
|                     | bolsa-alimentação   | bolsa para alimentação   |
|                     | bolsa-atleta        | bolsa para atletas       |
|                     | seguro condomínio   | seguro para condomínio   |
|                     | seguro residencial  | seguro para residências  |
|                     | vale-refeição       | vale para refeição       |
|                     | vale-transporte     | vale para transporte     |
| Causa               | auxílio-desemprego  | auxílio pelo desemprego  |
|                     | auxílio invalidez   | auxílio por invalidez    |
|                     | bolsa dedicação     | bolsa por dedicação      |
|                     | bolsa miséria       | bolsa por miséria        |
|                     | seguro-desemprego   | seguro por desemprego    |

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Faria (2009, p. 209-210).

Os compostos analisados por Faria (2009), nos termos de Ribeiro e Rio-Torto (2016), são do tipo morfossintático, sendo quase todos de padrão [NN]<sub>N</sub>. Apesar de todos os exemplos designarem benefícios, Faria (2009), a título de conclusão e sistematização, procura apontar

<sup>7</sup> Vejam-se os trabalhos de Gonçalves; Pires (2016) e Gonçalves; Oliveira; Pires (2016).

outros aspectos semânticos distintivos, para além da classificação sobre relações de causa ou finalidade. Segundo o autor:

(a) o conjunto de palavras que é encabeçado por *auxílio* indica ocorrência factual e com duração mais ou menos definida; (b) o grupo de *bolsa* apresenta duração mais definida; (c) em relação a *seguro*, identifica-se uma espécie de “garantia”, caso ocorra algum problema; funciona, assim, como uma espécie de prevenção; (d) acerca de *vale*, com exceção de *vale tudo* e *vale presente*, identificaram-se compensadores (benefícios básicos à manutenção do corpo e “eficiência” do trabalho) (FARIA, 2009, p. 215, grifos do autor).

O trabalho de Simões Neto (2018) se orienta por uma abordagem cognitiva e construcional da morfologia. O autor analisa os compostos encabeçados por *síndrome* e *complexo* no PB, mostrando que, apesar de *síndrome* advir do contexto da medicina, e *complexo* do âmbito da psicologia, não há, entre os falantes não especializados, uma distinção semântica entre esses compostos, ocorrendo alguns casos de variação, como *síndrome de vira lata ~ complexo de vira lata* e *síndrome de Dona Florinda ~ complexo de Dona Florinda*.

Os compostos analisados por Simões Neto (2018) são do tipo sintagmático e, em sua grande maioria, de padrão  $[N_{prep}N]_N$ . Do ponto de vista semântico, as palavras encabeçadas por *síndrome* e *complexo* tendem a designar algum tipo de anomalia, seja do ponto de vista físico, fisiológico ou bioquímico, seja do ponto de vista psicológico, comportamental ou atitudinal.

Simões Neto (2018) traz, para o âmbito da composição, a discussão acerca da herança semântica, que já havia sido discutida, a partir de diferentes perspectivas teóricas, por autores como Corbin (1990), Botelho (2004), Lopes (2016), Simões Neto (2016), Booij (2017) e Soledade (2018). Todos esses autores refletiram, de maneira mais contundente, sobre a herança semântica da base em palavras derivadas.

Soledade (2018), por exemplo, mostra como *cabeçudo*, no sentido de inteligente, não pode ser explicada somente com base no esquema do sufixo *-udo*, que instancia *barrigudo*, *bigodudo* e *narigudo*. Há além do aspecto ressaltado, previsto pelo esquema, a herança semântica da base *cabeça*, tomada metaforicamente como a sede da inteligência.

Ao transpor essa discussão para a composição, Simões Neto (2018) alinha as *bases* (inputs) dos derivados com os elementos que não são a *cabeça* ou o *núcleo* dos compostos. Da mesma maneira, os núcleos/cabeças dos compostos, nesses, casos, *síndrome* e *complexo*, em termos de esquematização, seriam comparáveis à parte fixa dos esquemas derivacionais, ou seja, os prefixos, sufixos ou circunfixos. Com isso, Simões Neto (2018) mostra que, assim como nos derivados, o significado dos compostos pode herdar, além de informações previstas no esquema, aspectos metafóricos e metonímicos que se estabelecem na interação com os elementos que não são núcleos dos compostos.

No Quadro 5, a seguir, são apresentadas as análises empreendidas por Simões Neto (2018)

a respeito de heranças metafóricas e metonímicas nos compostos com *síndrome* e *complexo*.

**Quadro 5** – Análise dos elementos não núcleos nos compostos síndrome/complexo

| Construções                    | Contextos   | Comentários  |
|--------------------------------|---|--|
| Síndrome de índio              | “Dormi de casaco, calça e meia. Acordei sem nada! N sei q <i>síndrome de índio</i> é essa q eu tenho q n consigo dormir de roupa” (ABRRT, 2017).                              | Nessa construção, trabalha-se com um modelo cognitivo idealizado de <i>índio</i> , bastante ligado aos povos originários. A partir desse modelo, seleciona-se o aspecto da nudez na construção. O elemento <i>índio</i> , portanto, é tomado metonimicamente.  |
| Síndrome de Sol                | “Esse povo com <i>síndrome de Sol</i> juram que tudo que a gente faz gira em torno dela” (GIFS DA VIDA REAL, 2017).   | O <i>Sol</i> é tomado metonimicamente por sua centralidade no sistema solar, em que todos os planetas giram em torno dele. Nesse caso, há uma metaforização também nas relações humanas: uma pessoa que se assemelha ao <i>Sol</i> , protagonista, e outras que seriam os planetas, coadjuvantes.                              |
| Síndrome de mendigo            | “Eu tenho algum tipo de <i>síndrome de mendigo</i> que me puxa pra sentar/deitar em qualquer lugar, no chão” (ALECRIM, 2017).   | Trabalha-se aqui com um modelo cognitivo idealizado de <i>mendigo</i> , acreditando que esse dorme em qualquer lugar. Nesse caso, o elemento <i>mendigo</i> é tomado metonimicamente.  |
| Síndrome de cirurgião          | “Gente assim deve ter ‘ <i>síndrome d cirurgião</i> ’: quer meter a mão nas partes internas interiores dos recônditos + profundos da condição humana” (MADUREIRA, 2017).      | No contexto em questão, os falantes falavam da prática sexual <i>fist-fucking</i> , em que uma pessoa insere a mão ou o punho no ânus ou na vagina da outra. A prática é conceptualizada como uma cirurgia, e a pessoa praticante ativa (aquela que penetra a mão ou punho) é tomada metaforicamente como o <i>cirurgião</i> . |
| Síndrome de antibiótico        | “Conversar com pessoas que tem <i>síndrome de antibiótico</i> te responde de 8 em 8 horas” (TALIRA, 2017).  | O antibiótico é aqui tomado metonimicamente, pelo fato de muitos remédios dessa especificidade serem usados de 8 em 8 horas.   |
| Síndrome de <i>underground</i> | “Adolescente com <i>síndrome de underground</i> q acha q as series/filmes/bandas são exclusivas vcs precisam de acompanhamento psiquiátrico e eu falo seríssimo” (GIO, 2019). | O termo <i>underground</i> é utilizado para se referir a um movimento que atua fora do comum, com ideias vanguardistas e heterodoxas. No contexto apresentado, a palavra <i>underground</i> é tomada metonimicamente pelo seu aspecto prático.   |
| Síndrome João Dória Jr.        | “Por aqui nada cinza, só cultura e arte. Que a <i>Síndrome João Dória Jr</i> não nos alcance jamais” (NALUY, 2017).   | O antropônimo João Dória Jr., atual prefeito da cidade de São Paulo, é tomado metonimicamente pelas suas medidas de pintar de cinza os muros pintados e grafitados por artistas de rua da cidade.  |

|                          |  |  |
|--------------------------|--|--|
| Síndrome de Luciano Huck | “ <i>Síndrome de Luciano Huck</i> : Gabeira apaga fotos com os amigos do MBL” (DIÁRIO DO CENTRO DO MUNDO, 2017).                                     | Outro antropônimo tomado metonimicamente, remetendo à situação em que o apresentador Luciano Huck apagou as suas fotos com o seu amigo, o senador Aécio Neves, após este ser denunciado em um escândalo de corrupção.  |
| Complexo de Cinderela    | “Para os coxinhas que tem <i>complexo de cinderela</i> a se realizar no ‘american dream’, esse é o braZil perfeito” (JOREIVAX, 2017).                | <i>Cinderela</i> é tomada metonimicamente nessa construção, em função da sua história, contada em livros infantis. O que se transporta para a construção é o fato de <i>Cinderela</i> ter ficado rica por um passe de mágica.  |
| Complexo de Wendy        | “Se aquela fdp tivesse o <i>complexo de wendy</i> talvez soubesse o quão frustrante é querer ser responsável o tempo todo por tudo” (RAFAELA, 2017). | A construção remonta à personagem <i>Wendy</i> , da história de Peter Pan. É uma personagem que se preocupa excessivamente com o protagonista e com os demais. Por isso, o <i>complexo de Wendy</i> caracteriza um comportamento em que a pessoa assume a responsabilidade por tudo e por todos. Significado metonímico. |

Fonte: Simões Neto (2018, p. 3388-3389)

Tanto o trabalho de Faria (2009) quanto o de Simões Neto (2018) contribuem para a identificação de mecanismos de abstração, esquematização e produção de compostos em língua portuguesa, mostrando que, assim como os derivados, os compostos apresentam sistematicidade formal e semântica. Além disso, os compostos analisados pelos autores se mostram representativos para a compreensão de como as experiências do mundo sensível podem ser aproveitadas e reinterpretadas pelos falantes da língua.

Outra contribuição que os estudos cognitivistas sobre a composição podem vir a dar é a rediscussão das categorias *compostos metafóricos* e *compostos metonímicos*, vistas em trabalhos como os de Sandmann (1997) e Alves Silva (2011). Essa classificação, já bastante difundida nos estudos sobre composição, parte de visões clássicas de metáfora e de metonímia, tomadas como figuras de linguagem e não como mecanismos cognitivos. Os trabalhos desenvolvidos no âmbito da LC, de uma maneira geral, têm mostrado que os limites entre metáfora e metonímia são muito tênues. Com os compostos, isso não tem sido diferente.

### **O padrão $[[X]_N$ de Taubaté] $_N$ : caracterização do fenômeno e comparação com outros contextos de composição**

O padrão esquemático  $[[X]_N$  de Taubaté] $_N$  tem sua origem em um episódio ocorrido em 2012, envolvendo a *grávida de Taubaté*, também chamada de *supergrávida de Taubaté*. Nessa ocasião, M.V.A.V., uma mulher de 25 anos na época, habitante da cidade de Taubaté,

no interior do estado de São Paulo, se tornou conhecida por uma suposta gravidez múltipla de quadrigêmeos, que teria acontecido naturalmente, sem nenhum recurso ou tratamento especial, como inseminação artificial (SITE G1, 2012; PORTAL R7, 2017).

A gravidez de M.V.A.V. foi divulgada nos principais veículos de comunicação brasileiros, mas começou a gerar suspeitas quando se descobriu que o suposto pai já teria se submetido a uma vasectomia. Depois, descobriu-se que os registros de ultrassonografia eram forjados, e, por último, foram divulgados vídeos com a suposta grávida sem qualquer barriga, andando sem a dificuldade esperada para alguém no seu estado. Ao final, confirmou-se a farsa, e M.V.A.V. virou motivo de deboche e alvo de memes em programas de humor e variados *sites* da internet.

Antes mesmo da descoberta da farsa, M.V.A.V. já havia recebido o epíteto de *Grávida de Taubaté*. O epíteto é uma categoria da Onomástica que diz respeito a expressões que se associam a um prenome, no intuito de qualificá-lo. Em alguns casos, os epítetos se tornam uma espécie de alcunha/apelido, como nos casos de *Rainha dos baixinhos*, para a apresentadora Xuxa Meneghel, e *Rei do pop*, para o falecido cantor estadunidense Michael Jackson.

No caso de M.V.A.V., como se tratava de uma pessoa anônima, o epíteto acabou se tornando mais usual e mais econômico cognitivamente, a ponto de as pessoas não saberem o seu nome e só se referirem a ela como a *Grávida de Taubaté*. Mesmo tendo sido descoberta a trapaça, M.V.A.V. continuou sendo lembrada dessa forma, até pelo fato de não ter se mantido na mídia.

A repercussão da história se tornou tão grande na internet que os falantes passaram a usar uma série de expressões que fazem referência a esse evento. Algumas dessas expressões podem ser vistas, a seguir, nos exemplos de 1 a 4.

1. a. Hoje, o **solteiro de Taubaté** vai dormir agarradinho com o travesseiro com o cheiro da amiga (Twitter).  
b. Diz que é solteiro mas só se for **solteiro de Taubaté** (Twitter).
2. a. Taylor não se mistura com a grossa falsa **ativista de Taubaté** aka Demi Lovato (Twitter).  
b. Parem de ser **ativistas de Taubaté** (Twitter).
3. a. Eu só observo a **hetero de Taubaté** da minha faculdade que bebeu hoje e me implorou um beijo (Twitter).  
b. Amados, deixa eu te falar uma coisinha; se o homem ou mulher fica com pessoas do mesmo sexo, eles não são heteros incubados, eles são bissexuais. Vcs e esse tesão por **heteros de Taubaté** (Twitter).
4. a. Até o Poncho que nem brasileiro é se posiciona contra Bozoro e a Anira **LGBT de Taubaté** nada (Twitter).  
b. A síndrome de vira lata é tão grande que quando artistas de fora fazem algo apoiando os

LGBTs é hino e quando é brasileiro tão querendo biscoito e são **lgbt de Taubaté** (Twitter).

Nos casos de 1 a 4, o sintagma preposicionado [de Taubaté] é usado para designar algo falso, fajuto, por conta do evento ocorrido na cidade. Não se trata mais de uma ideia de origem ou localização nessa cidade. Em (1a) e (1b), *solteiro de Taubaté* designa alguém que está comprometido, que não é solteiro. No caso em (2a), o uso de *ativista de Taubaté* coloca como falso e suspeito o ativismo da cantora estadunidense Demi Lovato, e em (2b), o falante clama para que outros ativistas não sejam *ativistas de Taubaté*, ou seja, falsos ativistas/ativistas hipócritas. Os exemplos de (3a) e (3b), *hetero de Taubaté/heteros de Taubaté*, são usados normalmente para designar pessoas que se apresentam socialmente como heterossexuais, mas que se envolvem com pessoas do mesmo sexo. Por fim, *LGBT de Taubaté* em (4a) rotula como falsa a identificação da cantora brasileira Anitta como pessoa LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais), sobretudo pelo fato de ela só ter se apresentado dessa maneira quando foi acusada de apoiar o, então, candidato à presidência Jair Bolsonaro, abertamente contrário às pautas da comunidade LGBT. Com ideia parecida, em (4b), o *LGBT de Taubaté* aparece para falar de artistas que são conceptualizados como oportunistas que se aproveitam da causa LGBT.

Na história do Brasil, já foram vistos padrões compositivos bastante similares ao que se viu com o  $[[X]_N$  de Taubaté] $_N$ . São os casos de  $[[X]_N$  de Itu] $_N$  e  $[[X]_N$  do Paraguai] $_N$ , que, hoje, parecem menos usuais. O primeiro está relacionado à cidade de Itu, do interior de São Paulo, que se tornou conhecida como *A cidade dos exageros*, com direito a um orelhão, um sorvete e um semáforo gigantescos. No site GSHOW (2015), explica-se que a alcunha da cidade se tornou nacionalmente conhecida quando o comediante Francisco Flaviano de Almeida, no final da década de 1950, no programa *Praça da Alegria*, da extinta TV Tupi, começou a fazer o personagem *Simplício, o garoto de Itu*, que dizia que Itu era “a cidade onde tudo é grande”.

Com a popularização de Simplício, foram aparecendo outras realizações que se relacionavam com essa tendência da cidade de produzir artefatos e especiarias de tamanho gigante. Um exemplo notório é o filme *Bem-dotado, o Homem de Itu* (1979), estrelado pelo ator brasileiro Nuno Leal Maia. O filme conta a história de um homem interiorano ingênuo, de Itu, que migra para a cidade de São Paulo, para trabalhar em casas da elite paulistana, mas se torna conhecido pelo tamanho do seu pênis. Ainda que, no filme, o protagonista seja oriundo de Itu, o título capta um conhecimento estereotipado da cidade. Casos em que os envolvidos não têm relação de origem ou localização em Itu podem ser vistos nos exemplos de 5 a 8:

5. Zeca Pagodinho e sua **barriga de Itu** (Site O Impacto).

6. **Caneta de Itu** na cor verde 28 cm (Site Mercado Livre).

7. [...] O único porém é o formato do fone que é muito grande. Toda hora sai do ouvido. Se vc tem uma **orelha de Itu** vai na fé (Site Mercado Livre).

8. [...] Bom, o objetivo desse **post de Itu** hehehe é mostrar para vocês que o radicalismo não

leva a nada, nós devemos conhecer nossos corpos e aceitar nossos limites em busca de uma alimentação + atividade física equilibrada [...] (Site de Lari Duarte).

Ainda que os exemplos pareçam bastante claros, cabe uma explicação. O exemplo em 5, *barriga de Itu*, foi usado para se referir ao tamanho grande da barriga do cantor brasileiro Zeca Pagodinho. Em 6, é visto o anúncio da *caneta de Itu*, uma caneta de 28 cm, tamanho além do que é comum para as canetas. O contexto de 7 é o comentário de um comprador de fone de ouvido em um *site* de vendas. Esse comprador categoriza o fone como grande demais para pessoas com orelhas de tamanho normal<sup>8</sup>. Por último, em 8, a autora fez uma postagem enorme, que chamou de *post de Itu*.

O padrão  $[[X]_N$  do Paraguai]<sub>N</sub> é também encontrado no Brasil e, assim como o  $[[X]_N$  de Taubaté]<sub>N</sub>, é usado normalmente para qualificar algo como falso. Os exemplos de 9 a 12 ilustram o uso:

9. Meu **celular do Paraguai** foi um MP9 tbm kkkk (Site Pandlr).
10. Sempre achei ele ridículo dinheiro meu ele não tem nem com **cd do Paraguai** isso aí quero ver ele qnd tiver na lama igual muitos por aí é coisa feia o que fizeram com o amigo do Exaltasamba em caloteiro (Site R7, comentário de leitor).
11. Comprei um Motorola e veio com um **fone do Paraguai** (Site Reclame Aqui).
12. Você é uma loira oxigenada, de farmácia, **loira do Paraguai**, barbie, princesa das bombas, puta do Sasori, viada, desgraçada, maldita (Site Spirit Fancion).

O Paraguai se tornou conhecido mundialmente pelo comércio de produtos de origem pirata, que, em alguns momentos da história do país, atingiu 90% do mercado (DOURADO NEWS, 2009). O baixo custo e as relativas facilidades na aquisição desses produtos fazem com que milhares de brasileiros cruzem a Ponte da Amizade atrás deles. Esse movimento constante foi certamente responsável pela elaboração de um estereótipo no conhecimento que os falantes brasileiros têm acerca do Paraguai.

Os dados em 9, 10 e 11 salientam a experiência com a pirataria. Nos casos em questão, o padrão  $[[X]_N$  do Paraguai]<sub>N</sub> é usado para se referir a produtos falsos que muito provavelmente não vieram do Paraguai. O exemplo em 12 já mostra o espraiamento do significado, pois o conhecimento sobre falsificação é usado para falar de uma mulher que pinta o seu cabelo de loiro, que não é loira natural.

É destacável que  $[[X]_N$  do Paraguai]<sub>N</sub> se relaciona com  $[[X]_N$  de Taubaté]<sub>N</sub> na medida em que ambos se referem à expressão de um conhecimento sobre eventos envolvendo falsificação. No entanto, há um aspecto que permite distinguir consideravelmente os dois padrões. No padrão  $[[X]_N$  do Paraguai]<sub>N</sub>, o mais antigo dos dois, a parte variável  $[X]_N$  é preenchida quase sempre

<sup>8</sup> Por normal, entenda-se “dentro do que o falante em (11) entende como *normal*”.

por produtos eletrônicos, ao passo que, em  $[[X]_N$  de Taubaté]<sub>N</sub>, a tendência é de preencher essa parte variável com substantivos que designam humanos. Os exemplos de 1 a 4 ilustram isso. Vejam-se, agora, os exemplos de 13 a 16.

13. a. Essa é a época que uns **crente de Taubaté** vão pro retiro pra fazer coisa errada no retiro ao invés de fazer no carnaval? (Twitter)

b. Aricia se faz de santa **crente de taubate** aquilo ali. (Twitter).

14. a. Bolsonaro defensor da família tradicional, conservador, mas assisti porno gay e compartilha com seus fãs. Tá de parabéns **conservador de Taubaté** #goldenshowerpresident (Twitter).

b. Ela só posta uma foto com uma amiga e os idiotas já vem com comentários homofobicos. A Silvia posta o que QUISER se ela for lésbica qual o problema? Ninguém tá pagando as contas dela. Joga essa gente no lixo bando de “**conservadores de Taubaté**” (Twitter).

15. a. Isso não é justiça. Isso é justiça seletiva. Se o problema realmente fosse impunidade, o próprio excelentíssimo **presidente de Taubaté** já estaria preso. Mas naoooo, a justiça só existe quando é alguém do PT, né?? (Twitter).

b. Chamando o povo que luta pela educação de imbecis e burros. Nos poupe **presidente de Taubaté**. #todospelaeducacao. (Twitter).

16. a. No Brasil tem grávida de Taubaté, tem feminista de Taubaté, agora tem **facada de Taubaté**, e cirurgia de Taubaté (Twitter).

b. Bando de idiota falando q Bolsonaro levou a **facada de Taubaté**. Primeiramente. Nem td q vem de Taubaté é mentira tá!? ... Em segundo, agora todo mundo é CSI pra analisar as cenas da agressão... AAAAH Me poupem!!! Vão é se tratar, bando de alucinados esquerdotas! (Twitter).

Tanto os exemplos em (13a) e (13b), *crente de Taubaté*, quanto os exemplos em (14a) e (14b), *conservador de Taubaté/conservadores de Taubaté*, trazem questões que merecem elucidação, pois envolvem a construção de modelos cognitivos idealizados (LAKOFF, 1987).

Na proposta de Lakoff (1987), as categorias não são vistas como unidades que se definem em termos de traços necessários e suficientes, como era comum nas abordagens clássicas. As categorias, nessa nova abordagem, se organizam em termos de protótipos e periferia. Numa dada categoria, há membros mais prototípicos e membros mais periféricos. Os protótipos podem tanto ser aqueles membros que reúnem mais traços característicos da categoria quanto os mais frequentes. Esses protótipos permitem construir mentalmente o que Lakoff (1987) chama de modelo cognitivo idealizado (MCI). Em se tratando de *crente*, o MCI se constrói com a ideia de que o *crente* é uma pessoa evangélica, conservadora e pouco liberada sexualmente. Em

relação a *conservador/conservadores*, há uma expectativa de que sejam pessoas pudicas, que seguem hábitos/padrões sexuais hegemônicos e têm uma visão muito estreita de moral, política e religiosidade. Diante disso, pode-se assumir que as realizações do padrão  $[[X]_N$  de Taubaté]<sub>N</sub> envolvem rompimentos de modelos cognitivos idealizados.

Em (13a) e (13b), a expressão *crente de Taubaté* é usada para se referir a pessoas evangélicas que têm hábitos questionáveis, quando considerados os fundamentos da sua religião. Em (14a), *conservador de Taubaté* é usado para expressar a estranheza diante do fato de um político assumidamente conservador, o atual presidente Jair Bolsonaro, publicar vídeos de práticas sexuais que fogem ao padrão heteronormativo da chamada “família tradicional brasileira”. Já em (14b), a expressão *conservadores de Taubaté* designa/qualifica as pessoas que tratam a homossexualidade com preconceito, mas que provavelmente têm práticas cotidianas que permitem questionar a sua categorização como pessoa conservadora.

Em (15a), *presidente de Taubaté* é usado para falar de Michel Temer, ex-presidente do Brasil que chegou à posição por meio de um golpe parlamentar contra a presidenta eleita Dilma Rousseff. O caráter ilegítimo do golpe parlamentar faz com que muitos falantes usem o padrão  $[[X]_N$  de Taubaté]<sub>N</sub> para deslegitimar a passagem de Michel Temer pela Presidência da República. No contexto em (15b), *presidente de Taubaté* é usado para se referir ao presidente atual, Jair Messias Bolsonaro, no entendimento de suas atitudes fogem do que se espera de um Presidente da República.

Nos contextos exemplificados em (16a) e (16b), a expressão *facada de Taubaté* foi usada para questionar a veracidade do esfaqueamento sofrido pelo, então, candidato Jair Bolsonaro, quando ainda estava em campanha presidencial. Em (16a), o composto *facada de Taubaté* é precedido de outros, como *grávida de Taubaté* e *feminista de Taubaté*, e seguido de *cirurgia de Taubaté*, como se quisesse estabelecer uma narrativa de fraude. Sobre (16b), são necessários dois comentários. O primeiro é a tentativa de desconstruir o estereótipo criado em torno da cidade de Taubaté. O segundo diz respeito ao fato de a posição variável do esquema  $[[X]_N$  de Taubaté]<sub>N</sub> ser preenchida por um substantivo que não designa um humano, e sim um evento.

Pode-se pensar o uso de *facada* como um processo misto de metaforização e metonimização em que eventos são tomados como pessoas, na mesma medida em que pessoas são tomadas como eventos (LAKOFF, 1993). Se observada a forma como os falantes conceptualizam a *grávida de Taubaté*, vê-se que a grávida é tomada pelo evento da fraude, isto é, dizer que a grávida de Taubaté, em termos de organização conceptual, não é só a pessoa, mas é também o evento que se desenrolou. A facada, por seu turno, não é só o golpe empreendido com uma faca, mas também o evento desencadeado e a suspeita de fraude.

Entre as realizações do esquema  $[[X]_N$  de Taubaté]<sub>N</sub>, cabe ainda destacar o exemplo visto na Imagem 3, a seguir, capturado de um grupo no Facebook.

**Imagem 3 - O bolo de Taubaté**

Acabei de criar o bolo de Taubaté



Fonte: Original do Facebook, capturada pelo autor.

A realização *bolo de Taubaté* não tem a mesma semântica vista nos compostos apresentados até agora, pois não se trata de um ‘falso bolo’. Nesse exemplo, não é a farsa que é selecionada para caracterizar o composto, mas a gravidez, em face da semelhança com uma barriga da grávida. Essa tentativa de usar uma experiência para compreender outra revela um aspecto metafórico (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]). Na comparação com os outros dados, percebe-se que esse tipo de mapeamento metafórico, em que a grávida de Taubaté é tomada pelo seu estado de gravidez, não tem sido muito produtivo.

A despeito da diferença semântica, não se pode negar que o *bolo de Taubaté* está relacionado com os outros exemplos vistos em (01-04) e (13-16), uma vez que todos estão ligados a um mesmo modelo original: *grávida de Taubaté*. A diferença se dá na *perspectivização* (LANGACKER, 1987)<sup>9</sup> que os falantes fazem da grávida. Nos casos mais recorrentes, os falantes identificam o evento da farsa como proeminente para a construção dos significados, ao passo que, no *bolo de Taubaté*, a barriga foi considerada relevante<sup>10</sup>.

É nesse sentido que os compostos  $[[X]_N$  de Taubaté] $_N$  e outros relacionados permitem rediscutir a delimitação entre compostos metafóricos e metonímicos, feita pela tradição morfológica. Nos já mencionados estudos de Sandmann (1997) e Alves Silva (2011), compostos metafóricos são categoricamente aqueles motivados por semelhança (*copo-de-leite, louva-a-deus*), ao passo que os metonímicos são aqueles que se caracterizam por relações de contiguidade ou pragmatismo (*guarda-roupa, porta-copo, cadeira de rodas*).

Essa é uma proposta de divisão estanque que ignora o fato de um composto metafórico poder acionar mecanismos metonímicos e vice-versa. Nesse contexto, é perceptível que a classificação não é feita a partir da proposta da LC, pois, nessa teoria, metáfora e metonímia

<sup>9</sup> Segundo Langacker (1987), a *perspectivização* diz respeito à estratégia de que o falante usa para compreender uma cena. Diante de uma experiência, o falante parte uma perspectiva de visualização, que fica mais evidente no ponto de vista assumido.

<sup>10</sup> Os exemplos vistos no Quadro 5, extraído do trabalho de Simões Neto (2018), podem ser também analisados a partir de aspectos de *perspectivização*, uma vez que a construção dos significados envolve percepções que os falantes fazem de determinadas cenas.

não são separáveis objetivamente, a ponto de alguns autores identificarem a metaftonímia (GOOSSENS, 2003). A discussão sobre compostos metaftonímicos é algo que está ainda por fazer.

### Outros aspectos do padrão $[[X]_N$ de Taubaté]<sub>N</sub>: uma interpretação histórica

Apesar de ser um fenômeno recente, o padrão  $[[X]_N$  de Taubaté]<sub>N</sub> pode ser analisado por um viés histórico dentro da perspectiva construcional da linguagem. Essa abordagem deve considerar três aspectos fundamentais: o *chunking*, a analogia e a mudança no âmbito da GC. Sobre o *chunking*, Bybee (2016) explica que

[a] principal experiência que aciona o *chunking* é a repetição. Se dois ou mais *chunks* menores ocorrem juntos com certa frequência, um *chunk* maior contendo os menores se forma. É uma propriedade tanto da produção quanto da percepção e contribui significativamente para a fluência e a desenvoltura nas duas modalidades. Quanto mais a sequência puder ser acessada junta, tanto mais fluente a execução, e a compreensão ocorrerá mais facilmente (BYBEE, 2016, p. 65).

O *chunk* é entendido por Bybee (2016) como um elemento mnemônico que pode integrar todos os sistemas cognitivos humanos, sendo o *chunking* a elaboração de *chunks* mais complexos a partir de *chunks* menores. De uma maneira geral, os compostos, sejam morfológicos, sejam morfossintáticos, sejam sintagmáticos, podem ser explicados cognitivamente por *chunkings*, porque são formas realizadas juntas frequentemente e que adquirem: (a) regularização estrutural, vista na impossibilidade de inversão da ordem, de substituição dos elementos e de inserção de outros elementos/*chunks* na estrutura compositiva; (b) particularização semântica, vista na identificação de um significado que só acontece na realização conjunta dos elementos integrantes.

O segundo aspecto, a analogia, é também explicado a partir de Bybee (2016). Segundo Faumax, Alonso e Cezario (2017, p. 145), leitoras de Bybee (2016), a analogia é o “processo pelo qual um novo item passa a ser usado em uma construção esquemática previamente categorizada”, o que salienta “a criatividade e a produtividade geradas na língua através de processos analógicos, uma vez que se observa a expansão de slots – posições esquemáticas, nas construções já existentes, que podem, então, ser ocupadas por novos itens” (FUMAUX, ALONSO; CEZARIO, 2017, p. 145).

O terceiro e último aspecto concerne às mudanças no arcabouço da GC. Alguns autores, como Tragoutt; Trousdale (2013) e Oliveira (2017), têm procurado explorar a mudança linguística no âmbito da GC sob dois rótulos: o primeiro diz respeito à mudança construcional e o segundo à construcionalização. No que toca ao primeiro tipo, a mudança acontece em um dos polos da construção: muda somente a parte formal ou muda somente a parte semântico-funcional. No segundo tipo, a mudança deve acontecer nos dois polos.

Esclarecidos os três aspectos, passe-se ao esquema  $[[X]_N \text{ de Taubaté}]_N$ . O primeiro ponto a se considerar no desenvolvimento desse padrão diz respeito ao fato de, a nosso ver, ele estar ligado a um padrão sintagmático mais geral, cujo esquema, a título de sugestão, pode ser representado como a seguir:

$$\langle [[X]_N \text{ de } [Y]_{\text{TOP}}]_{\text{SN}} \leftrightarrow [[X]_N \text{ originado/localizado em } [Y]_{\text{TOP}}]_{\text{SN}} \rangle$$

Esse esquema gera constructos composicionais, pois a soma dos significados dos elementos integrantes permite chegar ao significado global. Nesse sentido, não se pode tratar essa estrutura sintagmática como um composto nos termos morfológicos, uma vez que são altamente comutáveis, não apresentam qualquer nível de cristalização morfossemântica e, em alguns casos, a parte  $[Y]_{\text{TOP}}$ , que tem como integrante um topônimo (nome de lugar), pode ser substituída pelo gentílico correspondente. Vejam-se os exemplos de (17) a (24), extraídos do Twitter.

17. Tá impossível ser feliz nesse **calor de Salvador**.

18. Estamos à frente do processo de Auditoria que passará a BHTRANS a limpo!!! O **povo de Belo Horizonte** merece e precisa saber pra onde vai o dinheiro da passagem!!!

19. Pior q carne de onça é excelente :( Tenho trauma das **comida de Curitiba**, gosto muito da cidade mas foi o lugar q eu comi a pior pizza da minha vida.

20. Em alguns **bairros de Feira de Santana**, a chuva deixou destruição, alagamentos e mais de um palmo de água nas ruas. Pior para o ciclista que ignorou os avisos dos vizinhos.

21. Conheça o **Hemocentro de Taubaté** e ajude a salvar vidas. Contamos com a sua participação!

22. SP: **Prefeito de Taubaté** é cassado por desviar da educação para ‘campanha milionária’

23. A Hebe era **apresentadora de Taubaté**.

24. O **calor de Taubaté** é o bafo do capeta, só pode.

Note-se que os casos de (17) a (20) usam nomes de cidades brasileiras sobre as quais não foram encontrados estereótipos que vieram a ser usados em construções da língua. Os significados dessas realizações são composicionais, podendo a parte referente aos topônimos ser substituída pelos gentílicos *soteropolitano*, *belo-horizontino*, *curitibana* e *feirenses*. De (21) a (24), são vistos casos em que o topônimo do esquema é preenchido por *Taubaté* em que o significado é composicional e se referem, de fato, à cidade de Taubaté-SP. Em alguns desses, pode ser feita a substituição pelo gentílico *taubateano*, sem qualquer prejuízo semântico.

O sintagma *grávida de Taubaté* é inicialmente uma realização desse padrão sintagmático cujo significado remete à origem. A partir do momento em que o caso se torna notório, há uma relativa cristalização do sintagma, provavelmente advinda de um *chunking*. Esse novo *chunk* se

desdobra em um novo pareamento de forma e significado, que pode ser sugerido como:

$$\langle [[X]_N \text{ de Taubaté}]_N \leftrightarrow [[X]_N \text{ fajuto/falso/farsante}]_N \rangle^{11}$$

Sobre esse novo esquema, sejam observados três aspectos: (i) a parte do topônimo, variável no padrão sintagmático anterior, é fixa nesse novo padrão, sendo preenchida por *Taubaté* e não podendo ser substituída por *taubateano*; (ii) a categoria gramatical da construção deixa de ser um *sintagma nominal* e passa a ser um *nome composto*; (iii) o significado da construção não remete à origem ou a qualquer aspecto da cidade de Taubaté, o que sugere a perda da composicionalidade no esquema.

Do ponto de vista da analogia nesse novo esquema, sejam comentados dois pontos. O primeiro diz respeito ao fato de realizações, como *crente de Taubaté*, *hetero de Taubaté*, *conservador de Taubaté*, *presidente de Taubaté*, serem análogas à *grávida de Taubaté*. A produtividade das realizações a partir do modelo da *grávida* é que permite sugerir um esquema. O segundo ponto é que o padrão esquemático  $[[X]_N \text{ de Taubaté}]_N$  apresenta relações análogas com os padrões mais antigos  $[[X]_N \text{ de Itu}]_N$  e  $[[X]_N \text{ do Paraguai}]_N$ . O fato de já haver no PB esses padrões pode ter facilitado a aceitabilidade e a implementação desse novo esquema. A nosso ver, esses dois padrões mais antigos são também oriundos do mesmo padrão esquemático de origem/localização. As representações desses dois esquemas podem ser:

$$\langle [[X]_N \text{ de Itu}]_N \leftrightarrow [[X]_N \text{ grande/colossal}]_N \rangle$$

$$\langle [[X]_N \text{ do Paraguai}]_N \leftrightarrow [[X]_N \text{ falsificado/pirata}]_N \rangle$$

O último aspecto do desenvolvimento histórico-cognitivo das construções está relacionado à mudança construcional, nos termos de Tragoutt e Trousdale (2013) e Oliveira

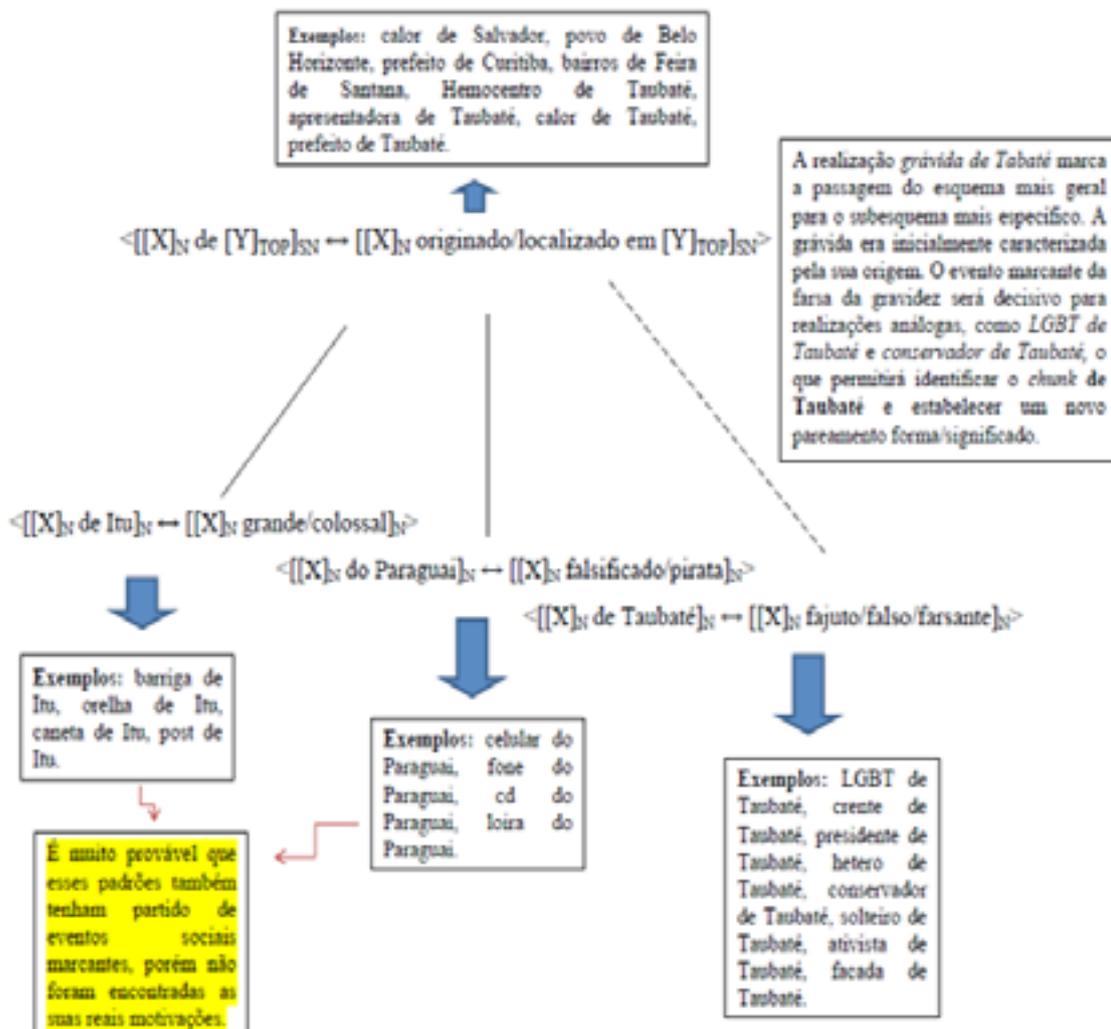
---

11 Na avaliação deste artigo, um dos pareceristas sugeriu que, na parte variável do esquema, fosse colocado SN (sintagma nominal) e não N (nome), pois entendia que o determinante fazia parte da construção. Ainda que se reconheça a admissibilidade dessa análise, optou-se por não assumir tal proposta. Quando se trata de composição sintagmática, as fronteiras entre morfologia e sintaxe são muito difusas, a ponto de não se saber qual o limite da construção morfológica. Em face dessa proposta de análise, foi inserida uma série de contraexemplos, no intuito de mostrar que o determinante não integra a construção morfológica. Vejam-se os exemplos em 1b, 2b, 3b, 4b, 13b, 14a, 14b, 15b, 16b, em que não há realização de determinantes. Nos exemplos realizados com determinantes, notam-se variados comportamentos: (i) o uso de artigos definidos (1a, 3a, 16a); (ii) o uso de artigo indefinido (13a); (iii) a presença de elementos intervenientes entre o determinante e a estrutura X de Taubaté (2a, 15a). Se considerados também os dados das construções X de Itu e X do Paraguai, percebem-se ainda: (iv) o uso de pronomes possessivos (5, 9); (v) o uso de pronomes demonstrativos (8). Toda essa variabilidade no uso dos determinantes faz duvidar que eles, de fato, integrem a construção morfológica. O entendimento do autor deste trabalho é de que esses determinantes estão presentes nos exemplos, pois os produtos da construção são nomes, que, do ponto de vista da realização sintática, costumam ser realizados com determinantes precedendo-os. Por último e não menos importante: sabe-se que um sintagma nominal abrange também os casos em que os nomes não são precedidos de determinantes, porém admitir que a parte variável do esquema seja um SN gera um preciosismo desnecessário, visto que a literatura de composição sintagmática, que inclui a usada neste trabalho, opera com o padrão NprepN, não havendo necessidade de dezoito disso, com a criação de outros padrões, como “SN prep SN” ou “SN SP”.

(2017). Os padrões  $[[X]_N$  de Taubaté] $_N$ ,  $[[X]_N$  de Itu] $_N$  e  $[[X]_N$  do Paraguai] $_N$ , ao que parece, são inicialmente subesquemas de  $[[X]_N$  de  $[Y]_{TOP}]_{SN}$ . Os marcos sociais que repercutem na cultura brasileira contribuem significativamente para a fixação desses novos *types*, estabelecendo novos significados que não têm mais a ver com o significado do esquema original. Nesse sentido, entende-se que os três padrões podem ser abordados no âmbito das mudanças construcionais, pois há a mudança apenas no polo semântico. No polo formal, nota-se uma neoanálise, nos termos de Tragoutt e Trousdale (2013), pois uma das partes que era totalmente aberta e variável se torna plenamente especificada.

Por fim, apresenta-se a Imagem 4, que sistematiza a interpretação aqui proposta. O esquema geral dominante é o do padrão sintagmático nominal  $[[X]_N$  de  $[Y]_{TOP}]_{SN}$ . As construções  $[[X]_N$  de Taubaté] $_N$ ,  $[[X]_N$  de Itu] $_N$  e  $[[X]_N$  do Paraguai] $_N$  estão subordinadas a esse padrão geral do qual são subesquemas. Fenômenos com grande repercussão social e cultural são apreendidos pelos falantes que atuam nesses subesquemas, promovendo mudanças no polo semântico.

**Imagem 4** - Do padrão  $[[X]_N$  de  $[Y]_{TOP}]_{SN}$  aos padrões  $[[X]_N$  de Itu] $_N$ ,  $[[X]_N$  do Paraguai] $_N$  e  $[[X]_N$  de Taubaté] $_N$



Fonte: Elaborada pelo autor.

## Considerações finais

Este trabalho investigou o padrão  $[[X]_N \text{ de Taubaté}]_N$ , que tem licenciado, no português brasileiro, constructos, como *hetero de Taubaté*, *crente de Taubaté*, *LGBT de Taubaté*, *conservador de Taubaté*, *presidente de Taubaté* e *facada de Taubaté*, sempre designando uma pessoa ou um evento “falso, fajuto, farsante”. Ainda que bastante recente, o padrão permitiu fazer investigações sobre a mudança na abordagem construcional, considerando os processos analógicos, a cristalização da construção e a especialização semântica.

A composição do tipo sintagmática, que caracteriza o padrão estudado, ainda tem sido pouco estudada no âmbito da Morfologia Construcional. Este estudo, então, se somou a outros poucos estudos de Faria (2009) e Simões Neto (2018), confirmando que os compostos, seja qual for o tipo, são sistematizáveis e passíveis de esquematização tal como os itens sufixados e prefixados.

O padrão  $[[X]_N \text{ de Taubaté}]_N$  apresentou relações com outros padrões já vistos na história do português do Brasil, como  $[[X]_N \text{ de Itu}]_N$  e  $[[X]_N \text{ do Paraguai}]_N$ , que parecem ter seguido um mesmo fluxo de mudança. Partiram de um padrão sintagmático geral  $[[X]_N \text{ de } [Y]_{TOP}]_{SN}$  que se especializou, à medida que eventos culturais com bastante repercussão foram perspectivizados pelos falantes, tendo, mais tarde, sido integrados ao esquema existente. Os significados vistos nessas construções reforçam a máxima da LC de que o significado não é apriorístico, construindo-se a partir do uso e da experiência.

Mais estudos são necessários sobre a composição sintagmática em língua portuguesa, sobretudo em perspectiva cognitiva construcional. Espera-se que este estudo, de alguma forma, contribua com o preenchimento dessa lacuna.

## Referências

ALVES SILVA, A. V. T. Metáfora e metonímia: o traço-de-união entre os compostos. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 1, p. 27-45, 2011.

ARONOFF, M. *Word formation in generative grammar*. Cambridge: Mit Press, 1976.

BASÍLIO, M. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.

BOOIJ, G. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BOOIJ, G. Inheritance and motivation in Construction Morphology. In GISBORNE, N.; HIPPISEY, A. (ed). *Defaults in morphological theory*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 18-39.

BOTELHO, L. S. *Construções agentivas em X-eiro, uma rede metafórica*. Dissertação de

Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2004.

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. São Paulo: Cortez Editora, 2016.

COELHO, J. S. B. Experimentando esquemas: um olhar sobre a polissemia das formações  $[[X - EIR]_N]$  no português arcaico. *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários* do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, n. especial, p. 83-111, 2013.

CORBIN, D. Associativité et stratification dans la représentation des mots construits. In: DRESSLER, W.U. et al. *Contemporary morphology*. New York: Mouton de Gruyter. 1990. p. 43-59.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso e ensino de português. *Gragoatá*, v. 19, p. 80-104, 2014.

DOURADO NEWS. 2009. *No Paraguai, pirataria atinge 90% do mercado*. Disponível em: <<http://www.douradosnews.com.br/noticias/no-paraguai-pirataria-atinge-90-do-mercado-6bbcf9805feee87376f7638f03c/354886/>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

FARIA, A. L. Formação de compostos nominais de base livre do PB. In: ALMEIDA, M. L. L.; FERREIRA, R. G.; PINHEIRO, D.; LEMOS DE SOUZA, J.; GONÇALVES, C. A. V. (orgs.). *Linguística cognitiva em foco: morfologia e semântica do português*. Rio de Janeiro: PUB!T soluções editoriais, 2009, v. 1, p. 205-218.

FUMAUX, N. C. A.; ALONSO, K. S. B. ; CEZARIO, M. M. C. Construcionalização de um monte de SN: uma abordagem centrada no uso. *Percursos Linguísticos*, v. 7, p. 139-158, 2017.

FILLMORE, C. The mechanisms of “Construction Grammar”. *Proceedings of the 14th annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 1988, p. 35-55,

GOLDBERG, A. E. Construções: uma nova abordagem teórica para a linguagem. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 31, p. 189-203, 2012.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, C. A. V. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016a.

GONÇALVES, C. A. V. *Morfologia Construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016b.

GONÇALVES, C. A. V.; ALMEIDA, M. L. L. Morfologia Construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *Alfa*. São Paulo, v.58, n.1, 2013, p. 165-193.

GONÇALVES, C. A.; OLIVEIRA, P. A. de ; PIRES, J. A. O. Morfologia Construcional aplicada à recomposição. In: GONÇALVES, C. A. *Morfologia Construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016, p. 71-81.

GONÇALVES, C. A.; PIRES, J. A. O. Uma abordagem construcional para as formações X-dromo do português brasileiro. *Linguística* (Rio de Janeiro), v. 12, p. 106-126, 2016.

GOOSSENS, L. Metaphonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (eds.). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 349-377

GSHOW. 2015. 'Cidade dos Exageros': conheça a origem da fama da cidade de Itu. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/TV-Tem/De-Ponta-a-Ponta/noticia/2015/12/cidade-dos-exageros-conheca-origem-da-fama-da-cidade-de-itu.html>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

LAKOFF, G. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, A. (ed.). *Metaphor and thought*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 202-251.

LAKOFF, G. *Women, Fire, and Dangerous Things*. Chicago, IL: Chicago University Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002 [1980].

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar*. Stanford: University Press, 1987.

LOPES, M. dos S. *Estudo histórico-comparativo da prefixação no galego-português e no castelhano arcaicos (séculos XIII a XVI): aspectos morfolexicais, semânticos e etimológicos*. 2018. 5 v. 2430 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura; Doutorado em Linguística do Português) — Instituto de Letras/Faculdade de Letras, Universidade Federal da Bahia/Universidade de Coimbra, Salvador/Coimbra.

LOPES, M. dos S. Um olhar semanticocêntrico sobre a prefixação em um documento português do século XIV. In: ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues; SANTANA DOS SANTOS, Elisângela. (Org.). *Linguagens e cognição*. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 229-259.

OLIVEIRA, M. R.. Linguística funcional centrada no uso e ensino. In: CASSEB-GALVÃO, V; NEVES, M. H. M. (orgs.). *O todo da língua: teoria e prática do ensino de português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017, p. 15-34.

PORTAL R7. 2017. *Como está a grávida de Taubaté 7 anos depois de sua falsa gravidez*. Disponível em: <<https://segredosdomundo.r7.com/como-esta-gravida-de-taubate-5-anos-depois-de-sua-falsa-gravidez/>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

RIBEIRO, S.; RIO-TORTO, G. Composição. In: RIO-TORTO, Graça et al. *Gramática derivacional do Português*. 2 ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. p. 385-431.

SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997.

SANTOS, A. V. dos. *Compostos sintagmáticos nominais VN, NN, NA, AN e NprepN no português arcaico (sécs. XIII-XVI)*. 2009. 190 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SIMÕES NETO, N. A.. Compostos com síndrome e complexo no português brasileiro: uma abordagem construcional. *Fórum Linguístico*, v. 15, p. 3373-3394, 2018.

SIMÕES NETO, N. A. Morfologia Construcional e alguns desafios para a análise de dados históricos da língua portuguesa. *Domínios de lingu@agem*, v. 11, p. 468-501, 2017.

SIMÕES NETO, N. A.. Uma aplicação da morfologia construcional para a língua latina: o caso das construções X-ariu. *Linguística y Literatura*, v. 38, p. 30-53, 2017.

SIMÕES NETO, N. A. *Um enfoque construcional sobre as formas X-eir-: da origem latina ao português arcaico*. 2016. 655 p. 2 tomos. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SIMÕES NETO, N. A.; SOLEDADE, J. . Nomes masculinos X-son na antroponímia brasileira: uma abordagem morfológica, histórica e construcional. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 26, p. 1295-1350, 2018.

SITE G1. 2012. *Casal que esperava ter gêmeos descobre que terá quadrigêmeos*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/01/casal-que-esperava-ter-gemeos-descobre-que-tera-quadrigemeos.html>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

SOLEDADE, J. Por uma abordagem cognitiva da morfologia: revisando a morfologia construcional. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTANA, E. S. (orgs.). *Linguística Cognitiva: redes de conhecimento d'aquém e d'além mar* Salvador: Edufba, 2018, p. 345-378.

TAVARES DA SILVA, J. C. A abordagem construcional nos estudos da morfologia do português: o modelo booiiano em terras brasílicas. *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8., n. 2., 2019, p. 109-135.

TAVARES DA SILVA, J. C. *Esquemas de imagem na formação de denominais em português: o caso de -eiro e -ário*. 2017. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2017.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. G. *Constructionalization and Constructional Change*. Oxford University Press: Oxford, 2013.